

Quando os filhos crescem

Daqui de baixo e com nossas vistas cansadas, a gente deseja que eles permaneçam crescendo e batam no teto do melhor

Martha Batalha, 26/03/2025

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/martha-batalha/coluna/2025/03/quando-os-filhos-crescem.ghtml>

Das coisas que acontecem com todo mundo, mas quando é com a gente parece estranha ou fora de hora. Ideal seria se preparar, ter o mínimo de controle. Mas é inevitável, não tem jeito, e lá vem o choque.

O dia em que um filho acorda mais alto que a gente.

Pode, isso? Ficar na ponta dos pés para beijar a testa de um menino? E dali a uns meses perceber que ele se curva para o meu lábio tocar a pele? E ainda solta um sorriso maroto, do tipo “Olá, pessoa menor”?

Maternidade é um mistério. Se eu lesse “João e o pé de feijão” no auge do instinto materno me imaginaria tendo o João como filho, mas o que eu pari foi o feijão mágico. Um troço crescendo descabidamente, da noite para o dia, e quando me dei conta tinha um cabeludo trancado no quarto ouvindo Nirvana. Usando um tênis que caberia nos pés do Abaporu. Com uma voz de Pavarotti à paisana. Apaixonando-se, rebelando-se, me ignorando e até aí tudo bem, mas esse negócio de ficar mais alto, sei não. Acho conveniente olhar para baixo ao dizer: bota a cueca no cesto de roupa suja. Não guarde o pacote de biscoito vazio no armário. Sai do celular. Desliga o videogame. Só pode voltar a crescer quando eu mandar.

É claro que estava chegando, mas eu fiz vista grossa. Para as mãos ossudas, as calças dos pijamas pelo meio das canelas, as marquinhos na parede cada vez mais altas indicando o crescer a cada seis meses. Eu me convenci de que ele só ficaria maior depois. Depois quando? Não vem ao caso. Depois. Ignorei por opção e memória. Ontem mesmo, era ele na ponta dos pés no banquinho para alcançar a pia. Ontem ele se escondia nos armários da cozinha. Ontem era o bumbum pressionando dentro de mim a costela.

Donde se conclui que a vida é assim de simples. Só tem um ontem, um hoje e um amanhã.

Dizendo a verdade, não é difícil me ultrapassar. Eu venho praticamente de uma família de gnomos. Meus pais e irmãs, a gente só pode ser grande no que faz. De resto é tudo manequim 16. Sei de uma bisavó com pouco mais de 1,40m e, falando nisso, deveria ser o contrário. Eva tinha que ter sido criada com uns cinco metros de altura, para as suas filhas e filhas das filhas diminuírem gradativamente e as mães permanecerem olhando a cria do alto.

Ou então os filhos só deveriam atingir nossa altura depois de um montão de vida. Quando estivéssemos ambos saturados da essência humana, para a cumplicidade do olho no olho: então viver é isso, diríamos um ao outro. Um troço gigantesco, complicado, misterioso, e vai ter nesse caldo um pesar, mas tudo bem.

E isso agora me veio: talvez os filhos se espichem para verem um mundo maior e além do nosso. Para se sentirem seguros vendo este mundo de um patamar — nossos cocurutos calvos ou brancos. Talvez seja isso, e de baixo só nos resta desejar uma vista bonita, para o alto, para longe, sem miopia ou nublado. Daqui de baixo e com nossas vistas cansadas (e se a vista é cansada é porque viu bastante), a gente deseja que eles permaneçam crescendo e batam no teto do melhor.